

A HISTÓRIA DE ELIAKIM, MEMBRO DO SINÉDRIO [1]

– o encontro com Jesus

(Luiz Guilherme Marques)

Naqueles dias do ano 33 do calendário cristão, que apenas veio a existir muito tempo depois, Jesus andava por toda parte do mundo hebreu, divulgando Suas noções de Fraternidade, Igualdade e Liberdade, debatendo com os letrados que Lhe questionavam as lições e curando doentes do corpo e da alma.

Parecia saber que Sua estadia no meio dos contemporâneos hebreus estava chegando ao fim, pois não perdia um minuto sem falar e realizar.

O Sinédrio já tinha planejado Sua morte, mas era preciso dar a aparência de legalidade, porque Ele tinha muitos seguidores, que poderiam se voltar contra a Suprema Corte, que eu me orgulhava de compor, sob o nome de Eliakim, juntamente com outros setenta membros, uns mais honestos e outros flagrantemente devassos, hipócritas e corruptos. José de Arimatéia era o mais correto de nós.

A arrecadação do Sinédrio era gigantesca, à custa da miséria do povo e o nosso salário era aumentado de tempos em tempos, mas havia muito desvio de verbas por parte dos responsáveis pela administração desse dinheiro.

Jesus incomodava o Sinédrio com Sua pregação honesta, a qual afrontava nossas consciências poluídas, e todos, sem confessar que Sua pessoa nos cobrava a mudança de paradigmas em quase tudo que fazíamos das coisas santas, queríamos calar Sua voz para continuarmos desfrutando da riqueza e do prestígio que mantínhamos junto aos nossos concidadãos e, principalmente, junto aos romanos, que nos

humilhavam com sua arrogância e desprezo pelos nossos valores culturais e religiosos.

Chegou o dia em que o sumo sacerdote considerou adequado para a prisão, mas tudo tinha de ser feito muito rápido, não dando tempo a qualquer reação, a qual, se acontecesse, viria a nos causar problemas, principalmente em dias de grande ajuntamento de povo, como era a Páscoa.

O discípulo traidor já tinha combinado tudo com o sumo sacerdote e nós, a maioria dos membros do Sinédrio, éramos informados apenas de um ou outro detalhe, pois ele não confiava na nossa lealdade e temia que as informações vazassem para além do ambiente do Tribunal.

Chegada a hora da prisão, um grande número de asseclas do sumo sacerdote foi em Seu encalço, por indicação do traidor, e Ele foi encontrado com alguns discípulos, um dos quais esboçou Sua defesa, utilizando uma espada e decepou a orelha do soldado Malco, mas o Mestre proibiu firmemente aos Seus seguidores, o uso de qualquer violência e até de defesa da Sua pessoa.

Nosso pessoal estranhou aquela recomendação, mas ficou satisfeito de não encontrar qualquer oposição.

Alguns discípulos seguiram próximos do Acusado, uns declarada e outros disfarçadamente. João [2] foi o que seguiu declaradamente Seu Mestre até a Sua crucificação.

Havia alguns, dentre os quais João, que pareciam querer arrebatá-lo à força, mas a maioria demonstrava que sentia muito medo de também acabar arrestada e assassinada ali mesmo, no caminho para os órgãos da Justiça.

Vim a tomar conhecimento de que o julgamento seria naquela madrugada somente poucos minutos antes do início da farsa, armada pelo sumo sacerdote. Afinal, eu era um dos que menos prestígio tinha naquele Tribunal, não passando de um escriba, porque não compactuava com as vilezas que ali eram urdidas e praticadas, sob o comando feroz do sumo sacerdote.

Cheguei à casa dele, onde haveria o julgamento com um sentimento de sobressalto.

Não era a primeira vez que veria o Profeta, uma vez que já o avistara anteriormente e alguma coisa n'Ele me causara uma alegria desusada, tanto que, ao dar conta de mim, sentia uma felicidade descontrolada, caminhando debaixo do sol causticante sem que Sua figura imponente saísse da minha lembrança, mas aquilo tudo foi se esmaecendo e, enfim, chegou o dia do julgamento.

Quando cheguei à casa do julgamento, Ele já estava sendo advertido pelo sumo sacerdote, que, de forma alguma, conseguiu intimidá-l'O, enquanto que Ele olhava cada um de nós nos olhos e ninguém tinha coragem suficiente de tratá-l'O como um réu comum.

Apenas o sumo sacerdote se esforçava por demonstrar autoridade, mas todos víamos que o Réu silenciava sempre e não se abalava com as mentiras que diziam as testemunhas e o sumo sacerdote a Seu respeito.

Eu nunca tinha visto antes uma situação como aquela, em que nos sentíamos réus perante a própria consciência: eu, por exemplo, calculo que o que vou relatar estivesse acontecendo com cada um dos juízes: lembrava-me descontroladamente de todas as minhas derrapadas morais e

imagens estranhas de imoralidades praticadas me vinham à mente umas após as outras, a ponto de quase não conseguir prestar atenção no que era tratado no julgamento.

Em um determinado momento um soldado deu um soco no rosto do Réu, simplesmente para bajular o sumo sacerdote, mas o Réu apenas lhe indagou: - Guarda, por que me bateste? Ao que o jovem de punhos duros arregalou os olhos e começou a esboçar sintomas de alienação mental, sendo afastado do local, conduzido por mãos fortes, pois parecia que iria cair no chão ali mesmo, desmerecendo a solenidade do ambiente improvisado.

Aquilo pareceu abalar a todos, mas o julgamento continuou e, ao final, na presença do Réu, todos, menos José de Arimatéia, que fez um longo discurso em prol da absolvição, condenamos o Réu simplesmente levando o braço direito em sinal de aprovação ao voto do sumo sacerdote.

Eu, que sempre tinha um comentário firme na emissão dos meus votos, fiquei calado, com um nó na garganta, que me deixou quase afônico, como uma criança pega em falta e sem coragem de enfrentar a situação.

Bateram novamente no Réu e eu esmurrei uma mesa próxima para tentar sair daquele clima interior de acovardamento. Xinguei uns palavrões e saí sem me despedir de ninguém. Chegando em casa, não consegui dormir e comecei a vomitar sem causa aparente, pois nada tinha comido desde que anoitecera.

De manhã já estava de pé para saber o que iria acontecer com o Réu e chegou a hora da crucificação e fui até o local onde ela aconteceu.

Espantava-me a coragem daquele homem, que não se defendera em momento algum e não desviava o olhar dos olhos de quem ousasse fitá-l'O.

Quando expirou, começou uma verdadeira tempestade e então pensei que tínhamos sido injustos com aquele Profeta e minha paz foi se embora.

Comecei a perder o sono e ter pesadelos, vendo figuras monstruosas, que riam da minha perplexidade e me afirmavam: - Você merece a morte. Suicida seu covarde!

Por duas vezes quase sucumbi às sugestões daqueles demônios.

Mas, um dia, andando por uma das muitas vielas de Jerusalém, vi um dos discípulos do Mestre e ele pareceu também ter me visto e começou a correr em fuga. Corri atrás dele e o agarrei pelo braço direito.

Era um homem de compleição robusta, mas tremia qual vara verde, pedindo-me que não o prendesse.

Tranquilei-o, solicitando-lhe que me falasse sobre Seu Mestre, porque algo me dizia que Ele me curaria das minhas alucinações.

Fomos até sua casa, muito pobre, que ficava longe do centro de Jerusalém, onde ele morava com sua família, a qual estranhou a presença de um membro do Sinédrio, ficando intimidada, mas o chefe da casa os tranquilizou, dizendo que era amigo.

Aquele homem forte e generoso colocou a mão sobre minha cabeça, estremeceu de cima em baixo e começou a falar-me com uma tonalidade diferente da sua, lembrando-me de compromissos que eu tinha assumido na distante juventude

de utilizar o poder para fazer verdadeira Justiça nos meus julgamentos, pois esta destinado ao Sinédrio, e empregar parte da minha riqueza para ajudar os pobres. Identificou-se como meu falecido pai e não tive dúvidas de que era ele mesmo que estava falando pela boca do discípulo do Nazareno.

A partir daí passei a visitar assiduamente aquele que era conhecido como João, o qual futuramente escreveu e ensinou muito sobre Jesus, principalmente uma biografia, que os pósteros chamaram de Evangelho.

Não cheguei a viver muito tempo, pois o coração já estava fraco pelo stress das noites povoadas de pesadelos, os quais aumentaram depois que encontrei João e me tornei seu amigo e de quem passei a me considerar discípulo.

Quando morri, meu falecido pai veio ao meu encontro e me disse que me fora dada a oportunidade de voltar a um corpo físico dentro de pouco tempo, nascendo no seio de uma família importante, em que eu teria condições de me redimir do julgamento covarde e, com todo o prestígio que me seria dado, deveria afirmar a existência e a qualificação espiritual superior d'Aquele que tinha sido condenado como blasfemador e corruptor dos judeus.

Assim, nasci como Flávio Josefo [3] (nome com o qual passei à História) e, desde cedo, preocupava-se aprender tudo para ser um homem justo e espiritualizado.

Aos dezesseis anos, já sendo órfão de pai e mãe, passei a morar com aquele mesmo João, sem que o identificasse de pronto, mas ele me relatou, aos poucos, minha história anterior e outras, de vidas passadas, dizendo-me que éramos criaturas provenientes de um mundo que não era esta Terra e

que estávamos aqui há muitos milênios para ensinarmos sobretudo o amor à Natureza, ou seja, às criaturas que não eram homens ou mulheres, mas sim os bichos, as plantas e outras criaturas mais primitivas ainda.

Fiquei ali três anos, até que João me disse, numa manhã, que eu deveria seguir em frente, para cumprir a minha missão, escrevendo sobre aquele Jesus, que eu tinha ajudado a condenar.

Nunca mais esqueci aquela advertência, até que chegou a oportunidade e eu falei firme, em um dos meus livros, sobre o Crucificado, desagradando, com isso, tanto os judeus quanto os romanos, mas aguentei firme as zombarias e perseguições, pois quem era seguidor d'Ele perdia todo o respeito tanto dos judeus quanto dos romanos.

À essa altura eu morava em Roma, por conta dos imperadores da família Flávia, o que era menos pior do que correr das perseguições dos remanescentes dos judeus, pois sua terra havia sido repovoada por estrangeiros e eles já não tinham mais um solo e um país, tornando-se apátridas até há poucos anos atrás, quando criou-se o estado de Israel.

Vivi muitos anos e cumpri a promessa de falar para a posteridade sobre Jesus, aquele que iluminou o mundo com Suas lições.

Eu fui Eliakim e Josefo.

Você, prezado leitor, acreditará no que lhe digo? Não importa.

A maioria daqueles juízes já se conscientizou da injustiça do julgamento, mas o sumo sacerdote ainda continua querendo enfrentar o Cristo, comandando vasta falange de

criaturas que se apresentam como répteis, dinossauros e outros bichos terrificantes.

Volta e meia aparece algum, com quem converso e é encaminhado para o recomeço.

Um dia encontrarei o sumo sacerdote e conversaremos, na certa, mas acredito que esse não voltará atrás a curto prazo, pois grande é seu orgulho, e será degredado da Terra, como muitos milhões, que preferem a escuridão a ter de reconhecer que Deus é quem determina e nós, como Seus filhos, devemos obedecer às Suas Regras da Ética e Amor Universal.

NOTAS

[1] *“O Sinédrio (do hebraico סנהדרין sanhedrîn; συνέδριον synedrion, em grego, "assembleia sentada", donde "assembleia") é o nome dado à associação de 20 ou 23 juízes que a Lei judaica ordena existir em cada cidade. O Grande Sinédrio era uma assembleia de juízes judeus que constituía a corte e legislativo supremos da antiga Israel. O Grande Sinédrio incluía um chefe ou príncipe (Nasi), um sumo-sacerdote (Cohen Gadol), um Av Beit Din (o segundo membro em importância) e outros 69 integrantes que se sentavam em semi-círculo. Antes da destruição de Jerusalém em 70 d.C., o Grande Sinédrio reunia-se no Templo durante o dia, exceto antes dos festivais e do Sábado.*

O Sinédrio foi dissolvido em 358 d.C. e, desde então, diversas tentativas de restabelecimento ocorreram.

Grande Sinédrio e Sinédrio Menor

O Talmude identifica duas classes de cortes de rabinos chamadas Sinédrio, o Grande Sinédrio e o Sinédrio Menor. Cada cidade poderia ter seu próprio Sinédrio Menor de 23 juízes, mas poderia haver somente um Grande Sinédrio de 71

juízes, que também funcionava como Suprema Corte, julgando apelações dos casos dos Sinédrios Menores.

No uso corrente, o termo "Sinédrio" costuma referir-se ao Grande Sinédrio.

(<https://pt.wikipedia.org/wiki/Sin%C3%A9drio>)

[2] “São João Evangelista ou Apóstolo João, foi um dos doze apóstolos de Jesus e além do Evangelho segundo João, também escreveu as três epístolas de João (1, 2, e 3) e o livro do Apocalipse. Há que se destacar aqui a existência de uma controvérsia sobre o verdadeiro autor do Apocalipse, mas uma tradição representada por São Justino e amplamente difundida no século II Ireneu de Lyon, Clemente de Alexandria, Tertuliano, o Cânone Muratori, identifica o autor como sendo o apóstolo João, o autor do quarto evangelho. Mas até o século V as igrejas da Síria, Capadócia e mesmo da Palestina não pareciam ter incluído o apocalipse no cânon das escrituras, prova de que não o consideraram como obra do apóstolo. Apresenta inegável parentesco com os escritos joaninos, mas também se distingue claramente deles por sua linguagem, seu estilo e por seus pontos de vista teológicos (referentes, sobretudo à parúsia de Cristo), comentário de introdução ao apocalipse na Bíblia de Jerusalém.

João seria o mais novo dos 12 discípulos, tinha provavelmente cerca de vinte e quatro anos de idade à altura do seu chamado por Jesus. Consta que seria solteiro e vivia com os seus pais em Betsaida. Era pescador de profissão, consertava as redes de pesca. Trabalhava junto com seu irmão Tiago Maior, e em provável sociedade com André e Pedro.

As heranças deixadas nos escritos de João, demonstram uma personalidade extraordinária. De acordo com as descrições ele seria imaginativo nas suas comparações, pensativo e introspectivo nas suas dissertações e pouco falador como discípulo. É notório o seu amadurecimento na fé através da evolução da sua escrita.

Relação com Jesus

Foi manifesta nos livros da Bíblia a admiração de João por Jesus. Jesus chamou-lhe o Filho do Trovão e posteriormente ele foi considerado o “Discípulo Amado”. Também ele e seu irmão, Tiago, pedem para ficar um ao lado direito, outro ao lado esquerdo de Jesus quando estiverem no céu, além de serem batizados no mesmo batismo de Jesus, tendo por isso sido levemente repreendidos por Jesus e causado certa inveja entre os demais apóstolos.

Segundo os registros do Novo Testamento, João foi o apóstolo que seguiu com Jesus, na noite em que foi preso e foi corajoso ao ponto de acompanhar o seu Mestre até à morte na cruz.

A História conta que João esteve presente, e ao alcance de Jesus, até a última hora, e foi-lhe entregue a missão de tomar conta de Maria, a mãe de Jesus. Em algumas correntes protestantes, a Bíblia indica que Jesus não era filho único de Maria (vide irmãos de Jesus), porém seria o mais velho e por isso teria a responsabilidade de cuidar de sua mãe após a morte de José.^[1] No entanto, no Evangelho Segundo São Mateus está escrito: "Nisso aproximou-se a mãe dos filhos de Zebedeu com seus filhos e prostrou-se diante de Jesus para lhe fazer uma súplica" (Mt 20,20), parece claro que esta mãe não é Maria, mãe de Jesus, mas outra pessoa, pois, então, o evangelista não escreveria "a mãe dos filhos de Zebedeu", e sim algo como "sua mãe".

Já a Igreja Católica sustenta que Cristo não tinha irmãos carnais pois no aramaico, antigo idioma utilizado por Jesus, as palavras que designavam irmãos eram utilizadas indistintamente para primos e outros parentes, devendo ser frisado que Jesus falava aramaico, mas os evangelhos foram escritos em grego, idioma mais rico, o que pode ter gerado esta confusão, no momento da tradução,^[2] enquanto Ortodoxos e Ellen White, escritora adventista, creem que os "irmãos" de Jesus seriam filhos de José de seu suposto primeiro casamento, antes de ir viver com Maria.

Mais tarde João esteve fortemente ligado a Pedro nas atividades iniciais do movimento cristão, tornando-se um dos principais

sustentáculos da Igreja de Jerusalém. Foi o principal apoio de Pedro, no Dia de Pentecostes. É tradição constante e ininterrupta que pregou na Ásia Menor, especialmente em Éfeso, onde teria encerrado o ministério com morte em idade muito avançada.

Em Patmos, ilha no leste do Mar Egeu, local onde fez o seu exílio, João escreveu o Livro da Revelação do Apocalipse. Acredita-se que este Livro da Revelação contém os fragmentos que sobreviveram de uma grande revelação, da qual se perderam grandes partes e outras partes foram retiradas, depois que João o escrevera. Apenas uma parte fragmentada foi preservada. Por outro lado, alguns teólogos e exegetas afirmam que o caráter fragmentário deste livro resulta de outros dois livros de Apocalipse que foram unidos, resultando no que conhecemos hoje, sendo que um deles já estaria escrito desde o tempo de Nero. João viajou muito, trabalhou incessantemente e, depois de tornar-se dirigente das igrejas da Ásia, estabeleceu-se em Éfeso. Orientou o seu colaborador, Natan, na redação do chamado “evangelho segundo João”, em Éfeso, aproximadamente no ano 90 D.C. .

Morte

De todos os doze apóstolos, João, o Apóstolo Amado e filho de Zebedeu, tornou-se o mais destacado teólogo, tendo morrido de morte natural, em Éfeso, no ano 103 d.C., quando tinha 94 anos. Segundo bispo Polícrates de Éfeso em 190(atestada por Eusébio de Cesareia na sua História Eclesiástica, 5, 24), o Apóstolo "dormiu" (faleceu) em Éfeso. Contudo, conta-se que a tumba estava vazia quando foi aberta por Constantino para edificar-lhe uma igreja.

Segundo algumas interpretações João era o apóstolo que Jesus mais amava, e que tinham um enorme afeto um pelo outro.

Controvérsia

Controvérsias são suscitadas baseadas nos próprios textos bíblicos que afirmam que este discípulo não passou pela morte, segundo a interpretação de alguns. Com efeito é possível

ler: Em verdade vos digo que alguns há, dos que aqui se encontram, que de maneira nenhuma passarão pela morte até que vejam vir o Filho do Homem no seu Reino. (Mateus 16,28)

De outra parte está também escrito nos Evangelhos: Então, Pedro, voltando-se, viu que também o ia seguindo o discípulo a quem Jesus amava, o qual na ceia se reclinara sobre o peito de Jesus e perguntara: "Senhor, quem é o traidor?" Vendo-o, pois, Pedro perguntou a Jesus: "E quanto a este?" Respondeu-lhe Jesus: "Se eu quero que ele permaneça até que eu venha, que te importa? Quanto a ti, segue-me." Então, se tornou corrente entre os irmãos o dito de que aquele discípulo não morreria. Ora, "Jesus não dissera que tal discípulo não morreria", mas: "Se eu quero que ele permaneça até que eu venha, que te importa?" (João 21,18-25)

Interpretações teológicas, contudo, resolvem essa dificuldade bíblica como Jesus afirmando que ele deveria permanecer vivo até a Revelação final do cânon bíblico, o Apocalipse. A partir daí, sua morte ocorreria naturalmente, no tempo devido."

[3] *"Flávio Josefo, ou apenas Josefo (em latim: Flavius Josephus; 37 ou 38 — ca. 100), também conhecido pelo seu nome hebraico Yosef ben Mattityahu (יהוסיף בן מתתיהו, "José, filho de Matias [Matias é variante de Mateus]") e, após se tornar um cidadão romano, como Tito Flávio Josefo (latim: Titus Flavius Josephus), foi um historiador e apologista judaico-romano, descendente de uma linhagem de importantes sacerdotes e reis, que registrou in loco a destruição de Jerusalém, em 70 d.C., pelas tropas do imperador romano Vespasiano, comandadas por seu filho Tito, futuro imperador. As obras de Josefo fornecem um importante panorama do judaísmo no século I.*

Suas duas obras mais importantes são Guerra dos Judeus (c. 75) e Antiquidades Judaicas (c. 94). O primeiro é fonte primária para o estudo da revolta judaica contra Roma (66-70), enquanto o segundo conta a história do mundo sob uma perspectiva judaica. Estas obras fornecem informações valiosas sobre a sociedade judaica da época, bem como sobre o período

que viu a separação definitiva do cristianismo do judaísmo e as origens da Dinastia Flaviana, que reinaria de 69 a 96.

Biografia

As informações de que dispomos sobre a sua vida provêm principalmente de sua autobiografia (Vida de Flávio Josefo). Josefo, que se apresentou em grego como Iósepos (Ιώσηπος), filho de Matias, sacerdote judaico, teria nascido em Jerusalém numa família de cohanim (sacerdotes), onde teria recebido uma educação sólida na Torá. Sua mãe descendia da família real dos Hasmoneus. Aos treze anos de idade, iniciou seu aprendizado sobre três das quatro seitas judaicas: saduceus, fariseus e essênios optando aos dezenove anos de idade por aderir ao farisaísmo. Em sua obra, Josefo atribui aos zelotas, a quarta seita, a responsabilidade por ter incitado a revolta contra os romanos, que conduziu à destruição de Jerusalém e do Templo.

Em 64, contando com vinte e seis anos de idade, seguiu numa embaixada a Roma onde obteve, por intermédio de Popeia Sabina, esposa do imperador Nero, a libertação de alguns sacerdotes hebreus condenados pelo governador da Judeia, Marco Antônio Félix. Ao regressar à Judeia, Jerusalém encontrava-se à beira da revolta. Josefo procurou dissuadir os líderes mas seus esforços foram inúteis, tendo os revoltosos tomado a Fortaleza Antônia (66). Josefo, com receio de ser acusado de partidário dos romanos, refugiou-se no Templo. Entretanto, após a morte de Manaém e dos principais líderes da revolta, uniu-se aos sacerdotes do Sinédrio (Sanhedrin) que, naquele momento, aguardavam a chegada das tropas de Cássio para sufocar a revolta, o que não se concretizou pela derrota destas.

O Sinédrio o enviou à Galileia. À sua chegada, relatou a Jerusalém que os galileus estavam prestes a marchar sobre Séforis, cidade leal a Roma. O Sinédrio então o designou governador militar da província, que fez fortificar. Defrontou-se com a oposição dos extremistas liderados por João de Giscala, que o acusavam de tender à contemporização.

Enfrentou as forças de Plácido, enviadas por Géstio Galo para a região. Em 67, as tropas de Vespasiano tomaram Jotapata, e Josefo, com quarenta homens, escondeu-se em uma cisterna. Com a descoberta do esconderijo, foi-lhes proposto que se rendessem em troca das próprias vidas. Josefo teria sugerido então um método de suicídio coletivo: tirariam a sorte e matariam-se uns aos outros, de três em três pessoas; restaram apenas Josefo e mais um homem. Há quem veja o ocorrido como um problema matemático, por vezes designado como problema de Josefo ou Roleta Romana). Josefo convenceu este seu soldado a se entregar às forças romanas que invadiram a Galileia, em julho de 67, tornando-se prisioneiro de guerra. As tropas romanas do imperador romano, (Flávio) Vespasiano, eram comandadas por seu filho, Tito, ele próprio futuro imperador. Em 69, Josefo foi libertado e, de acordo com seu próprio relato, teria tido um papel de relevo como negociador com as tropas de resistência durante o cerco de Jerusalém, em 70, com discursos incitando os revoltosos ao arrependimento, sem que fosse ouvido. Indo para Roma, após a queda de Jerusalém, foi bem aceito, assumindo o nome romano de seu protetor Flávio Vespasiano, e recebido a cidadania romana. Passou também a receber uma generosa pensão. Além disso, tratou de aumentar suas rendas, obtendo permissão de Vespasiano para, através de seus agentes, adquirir, a preço vil, terras na Judeia, confiscadas dos envolvidos na revolta. As honrarias prosseguiram sob o reinado de Tito e de Domiciano.

Em 71 Josefo chegou a Roma com a comitiva de Tito; cidadão romano, passou a ser um cliente da dinastia dominante, os flavianos. Durante sua estada em Roma, e sob patronagem flaviana, escreveu todas as suas obras conhecidas. Embora Josefo só se refira a si próprio por este nome, parece ter adotado o prenome Tito (Titus) e o nome Flávio (Flavius) de seus patrões. Esta prática era costumeira para todos os 'novos' cidadãos romanos.

A primeira esposa de Josefo morreu, juntamente com seus pais, durante o cerco de Jerusalém. Vespasiano arranhou-lhe um casamento com uma mulher judaica que também fôra

capturada. Esta mulher o abandonou e, por volta de 70, casou-se com uma judia de Alexandria, com quem teve três filhos. Apenas um, Flávio Hircano (Flavius Hyrcanus), sobreviveu além da infância. Josefo se divorciou posteriormente desta sua terceira esposa e, no ano 75, se casou pela quarta vez, com uma judia de uma família distinta de Creta. Este último casamento produziu dois filhos, Flávio Justo (Flavius Justus) e Flávio Simônides Agripa (Flavius Simonides Agrippa).

A vida de Josefo é recheada de ambiguidades; para seus críticos, ele nunca explicou satisfatoriamente seus atos durante a Guerra Judaica — como por que ele não teria cometido suicídio na Galileia, com seus companheiros, e por que, depois de sua captura, aceitou a patronagem dos romanos. Seus críticos, no entanto, ignoram o fato de que Simão bar Giora e João de Giscala, ambos zelotas extremistas e grandes oponentes de Josefo que permaneceram em Jerusalém e lideraram os combates contra os romanos em sua última etapa, preferiram — num momento de honestidade — a vida ao suicídio, e humildemente se renderam aos romanos. Aqueles que viram Josefo como um traidor e informante também questionaram sua credibilidade como historiador — desprezando suas obras como propaganda romana ou uma apologética pessoal, destinada a reabilitar sua reputação histórica. Mais recentemente, críticos vêm reavaliando as visões pré-concebidas de Josefo. Um argumento importante é a comparação entre os danos causados por seus atos e aqueles dos idealistas que reprovaram seu comportamento; enquanto Josefo teria sido responsável pelo suicídio de alguns soldados, pela humilhação temporária de um exército enfraquecido e pelo transtorno de uma esposa, os bons, leais, idealistas e corajosos, devotos e patrióticos líderes de Jerusalém tinham sacrificados dezenas de milhares de vidas à causa da liberdade; Tito e Vespasiano sacrificaram dezenas de milhares mais à causa da ordem civil, e até mesmo Agripa II, o rei da Judéia, cliente romano, que fez tudo o que podia para evitar a guerra, acabou supervisionando a destruição de meia dúzia de cidades e a venda de seus habitantes como escravos.

Josefo foi sem dúvida alguma um importante apologista, no mundo romano, para a cultura e o povo judaico, particularmente numa época de conflito e tensão. Sempre permaneceu, pelo menos em seus próprios olhos, um judeu leal e cumpridor das leis. Fez tudo o que podia para indicar o judaísmo aos gentis letrados, e para insistir sobre sua compatibilidade com o pensamento aculturado greco-romano. Constantemente se manifestou a respeito da antiguidade da cultura judaica, apresentando seu povo como civilizado, devoto e filosófico. Eusébio relata que uma estátua de Josefo teria sido erguida em Roma.

Obra

Escreveu um relato da Grande Revolta Judaica, dirigida à comunidade judaica da Mesopotâmia, em língua aramaica. Escreveu, depois, em grego, outra obra de cariz histórico que abarcava o período que vai dos Macabeus até à queda de Jerusalém. Este livro, a Guerra dos Judeus, foi publicado em 79. A maior parte do livro é diretamente inspirada na sua própria vida e experiência militar e administrativa.

As Antiguidades Judaicas (escritas cerca de 94 em grego) é a história dos Judeus desde a criação do Génesis até à irrupção da guerra da década de 60. Acrescentou, no final, um apêndice autobiográfico onde defendeu a sua posição colaboracionista em relação aos invasores romanos. O seu relato, ainda que com um paralelismo evidente em relação ao Antigo Testamento, não é idêntico ao das escrituras sagradas. Há quem defenda que estas diferenças se devam à possibilidade de Josefo ter tido acesso a documentos antigos (que remontariam até à época de Neemias) que teriam sobrevivido à destruição do templo. A maior parte dos académicos não dá crédito a tal suposição. Neste livro encontra-se o famoso Testimonium Flavianum, uma das referências mais antigas a Jesus, mas considerada por alguns estudiosos uma interpolação fraudulenta posterior.

Contra Apião é outra obra importante deste autor, onde o judaísmo é defendido como religião e filosofia realmente clássica, em contraponto às tradições mais recentes dos gregos.

O livro serve para expor e refutar algumas alegações anti-semíticas de Apião, bem como mitos antigos, como os de Manetão.

Sua última obra, foi uma autobiografia (Vida de Flávio Josefo), que nos revela o nome do adversário ("Justo de Tiberíades", filho de Pistos), ao qual essa obra vem responder e as censuras que lhe faz Josefo. Essa obra é cheia de lacunas, confusa e hipertrofiada. E ela traz sobre a vida de Josefo informações preciosas, que não encontramos em nenhum outro historiador da antiguidade.

Segundo Alberto Manguel), por volta de 1830, a obra de Flavio Josefo foi uma das mais usadas para leitura em voz alta nas famílias escocesas. Algumas décadas mais tarde, Guerra Judaica é indicada como uma das obras mais lidas na Inglaterra.

- 1. Nas suas próprias palavras: "...eu tenho o meu nascimento no primeiro ano do reinado do imperador Caio César." (Josefo, Flávio. Autobiografia)*
- 2. Feldman, Louis H. e Mason, Steve (1999). Flavius Josephus Brill Academic Publishers [S.l.]*
- 3. Josefo se referia a si mesmo nas suas obras em grego como Jōsēpos Matthiou pais ("José, filho de Matias"). Embora ele também falasse aramaico e provavelmente o hebraico, não existem fontes da época que registraram seu nome nestes idiomas.*
- 4. Harris, Stephen L., Understanding the Bible, (Palo Alto: Mayfield, 1985).*
- 5. Algumas fortificações dos rebeldes zelotas resistiram mais algum tempo, como Macheron, Heródio e, por último, Massada (73) (Josefo, Flávio. Guerra dos Judeus.)*
- 6. Guerra dos Judeus I.3*
- 7. Roman Roulette, ES: UVA.*
- 8. Guerra dos Judeus IV. 622-629*
- 9. Hadas-Lebel, Mirelli. Flávio Josefo, o judeu de Roma. Rio de Janeiro. Editora Imago, 1992*

10. *Orígenes, teólogo cristão do século III (Comm. Matt. 10.17).*
11. *Smallwood, E. Mary. Introdução à Guerra Judaica, de Josefo, tradução para o inglês de G.A. Williamson, Nova York, Penguin, 1981, p. 24*
12. *O'Rourke 104.*
13. *História Eclesiástica (Eusébio) 3.9.2*
14. *Kautsky, KARL A origem do cristianismo, 1908, p. 42*
15. *Schürer, EMIL Geschichte des Jüdischen Volkes im Zeitalter Jesu Christi, vol.I, 3ª ed., 1901, p544*
16. *Alberto Manguel. Uma história da leitura, S. Paulo: Cia das Letras, 1997, p.142-143.*
17. *Louis Finkelstein. The Jews: Their History, Culture and Religion. N. Yorque: Harper & Brothers Publishers, 1949, p. 754.*
18. *Cf ROCHA, Ivan E. A vida quotidiana na Palestina do século I na visão de Flávio Josefo. São Paulo: Annablume, 2014, p. 36.”*